ESTE LIVRO É DE:

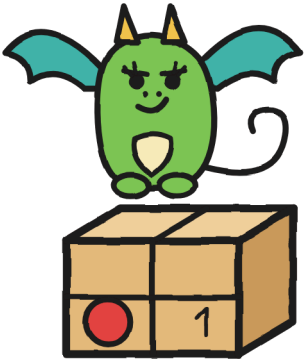
_____

E de mais ninguém. –].

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 1

Este pacote morde

Lui Eriksson



TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS 1

Este pacote morde

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

Versão em português: LinguAula

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

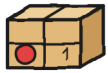
Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).

Trabalhe cada capítulo em
linguaula.com



CAPÍTULO 1

O que não dá

Este caderno saiu da caixa 14 da mudança. A caixa dizia COZINHA, em canetão grosso e com letra de gente com pressa. Dentro não tinha nem uma colher: tinha este caderno, uma meia sem par e um sapo de borracha que não é de ninguém. Já perguntei para a minha mãe. Já perguntei para o sapo. Ninguém o reclama.

O caderno, sim, fui eu que reclamei. Escrevi o título na primeira página, em maiúsculas, para ficar claro desde o começo:

CADERNO DE ENTREGAS do Guto. PRIVADO.

"Privado" quer dizer que eu leio primeiro. –].

Esse bilhete verde não estava ali quando escrevi "privado". Nenhum dos bilhetes verdes estava. Quem vai colocando é a Júlia, que em um só dia já pegou o hábito de ler o meu caderno antes de mim e, às vezes, antes de eu escrever. Mas isso vem depois. Vamos por ordem.



Chegamos numa terça. Hoje é sábado. Faz quatro dias que estou no bairro e já conheço uma rua inteira: a minha. Tem seis casas e, em volta, pontos de interrogação.

Ninguém me perguntou se eu queria me mudar. Os adultos decidiram na cozinha, com aquela voz que usam para as coisas que já estão decididas, e minha mãe chamou aquilo de "uma oportunidade", que é como os adultos chamam o que não dá para devolver.

O que mais doeu não foi deixar o meu quarto. Foi descobrir, já no caminhão de mudança, uma coisa que eu não sabia sobre mim mesmo: que eu nunca tinha feito um amigo. Amigos eu tinha. Não é a mesma coisa. No bairro antigo, os amigos já vinham de fábrica: davam para a gente aos três anos, no parquinho, junto com o balde e a pazinha, e depois não precisava fazer mais nada. Nunca aprendi o procedimento. Na escola ensinam a dividir com vírgula, mas a fazer amigo não: o pressuposto é que você já chega com eles.

Então fiz o que faço quando não sei fazer alguma coisa: um plano.

Meu plano para fazer um amigo:

1. Dizer oi.
2. Dizer algo interessante.
3. ???

Empaquei no 2. Do 3, nem ideia. Fiquei três dias empacado. Eu ainda não sabia que o item 3 era o mais fácil dos três, e que cabia em três palavras.

O meu quarto novo também não ajudava. Está cheio de caixas fechadas e não tem nada meu, então eu durmo nele como se dorme em hotel: numa cama emprestada, com a roupa à mão. Por isso acordei tão depressa com o que passou voando na frente da minha janela hoje de manhã.

Era um pacote.

Falo assim mesmo, porque foi assim mesmo. Um pacote de papelão, do tamanho de uma caixa de sapatos, com um carimbo vermelho de um lado, passou voando na altura da minha janela, sem pressa, como quem cuida da própria vida. Depois passou outro. E outro. Nove pacotes em fila, como patinhos, atravessaram a rua e se enfiaram, um atrás do outro, pela caixa de correio da loja em frente. (Os outros onze, fiquei sabendo depois, tinham voltado enquanto eu dormia.)

A loja tem um letreiro que diz ENTREGAS IMPOSSÍVEIS. Embaixo, menor: "Entregamos o que ninguém entrega". E embaixo disso, menor ainda, como se tivessem acrescentado depois de pensar melhor: "(Quase sempre)".

Já tinha o item 2: "Vi pacotes voando".

Isso não é interessante. Acontece toda hora.

Esse bilhete é da Júlia. Eu a conheci hoje mesmo de manhã, na loja em frente. Ela escreve em verde, e o que ela escreve em verde não apaga. Eu testei com borracha, com cuspe e com a manga do suéter, nessa ordem. A borracha se gastou. O verde, não.

Vesti o suéter listrado por cima do pijama e atravessei a rua. De pijama, quero dizer. De pantufas. Tem decisões que o corpo toma antes que a cabeça fique sabendo.



Lá dentro, cheirava a papelão e a alguma coisa queimada, como quando se apaga uma vela. À esquerda tinha uma estante com uma placa vermelha, DEVOLVIDOS, e na estante, vinte pacotes numerados de 1 a 20, cada um com o seu carimbo. Na frente, uma bruxa de chapéu roxo apontava para eles, um por um. Ao lado dela, uma menina de jardineira verde ia contando em voz alta:

— ...dezoito, dezenove, vinte.

— Voltaram todos — suspirou a bruxa. — De novo.

Ninguém me perguntou quem eu era nem por que eu estava de pijama. Isso, numa loja, já é estranho. Naquela loja, nem foi a coisa mais estranha da manhã.

A bruxa se chama Mara. Ela tem uma loja de entregas impossíveis e um carimbo que brilha: quando carimba, solta faisquinhas, e as faisquinhas têm cheiro daquela coisa queimada.

Júlia me explicou como funciona no meu próprio caderno, com um desenho cheio de setas que eu resumo aqui porque ocupa meia página:

- Pacote + carimbo.
- Quem recebe assina, com tinta que não apaga?
- SIM: ENTREGUE.
- NÃO: ao amanhecer, o pacote volta voando para a estante.

Assim nenhum pacote se perde. Nem se entrega.

Os da estante são os devolvidos: vinte pacotes que ninguém nunca conseguiu entregar. E todos são mandados pela mesma pessoa. Em cada etiqueta, no mesmo lugar, com a mesma letra apertada, estava escrito REMETENTE: R.

— Quem é R.? — perguntei.

— Alguém de letra horrível — disse Mara.

E nada mais. Disse como se dizem as frases que já foram ditas muitas vezes, sem olhar para a estante, olhando um ponto da parede onde não tinha nada para olhar. Júlia mexeu os lábios junto com ela. Sabia a resposta de cor, e me pareceu que para ela também não bastava.

Mara pôs dezenove devolvidos num saco enorme, daqueles de carregar no ombro. Naquela noite tinha que entregar um piano num farol muito, muito longe, e, de passagem, já que ia sair,

tentaria de novo com todos. Voltaria ao amanhecer. Disse isso sem nenhuma esperança, com a voz de quem rega uma planta seca por costume.

Na estante ficou só um. O primeiro da fila. O número 1.

— Esse não dá — disse Mara, e me pareceu que não era para nós que ela dizia aquilo. — Uma única regra: NÃO MEXAM NA ESTANTE.

— Claro — garantiu Júlia.

Eu estava atrás dela e vi os dedos cruzados nas costas. Não falei nada. Agora que penso nisso, foi a primeira coisa que a gente compartilhou: um segredo de dois segundos, antes mesmo de saber como a gente se chamava.

A Júlia fica na loja aos sábados. Não perguntei o que ela era da Mara: sobrinha, ajudante, castigo. Tem perguntas que a gente faz no segundo dia.

Agora já é o segundo dia. Pergunte. —J.



Assim que a porta fechou, Júlia me olhou de cima a baixo. Com calma. Como se olha um pacote para decidir se merece carimbo.

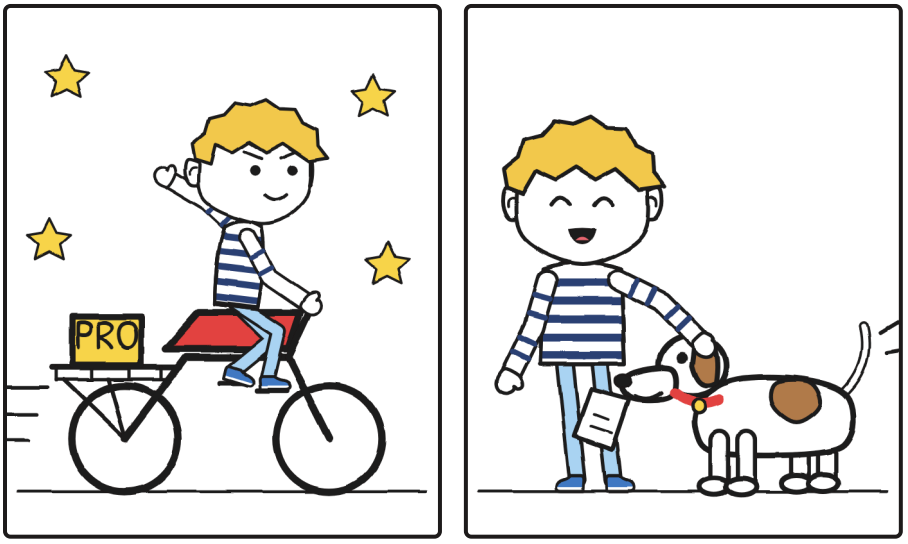
— Você sabe entregar?

Aqui eu preciso ser honesto, porque este caderno é privado e a Júlia vai ler de qualquer jeito.

A verdade é que em toda a minha vida eu só entreguei uma coisa: o jornal do vizinho do segundo andar, num domingo, porque estava jogado no hall do prédio e achei que estava faltando um herói. Dei para o cachorro dele. O cachorro comeu. Fim da minha carreira.

E eu respondi o que qualquer um responde quando está querendo fazer um amigo:

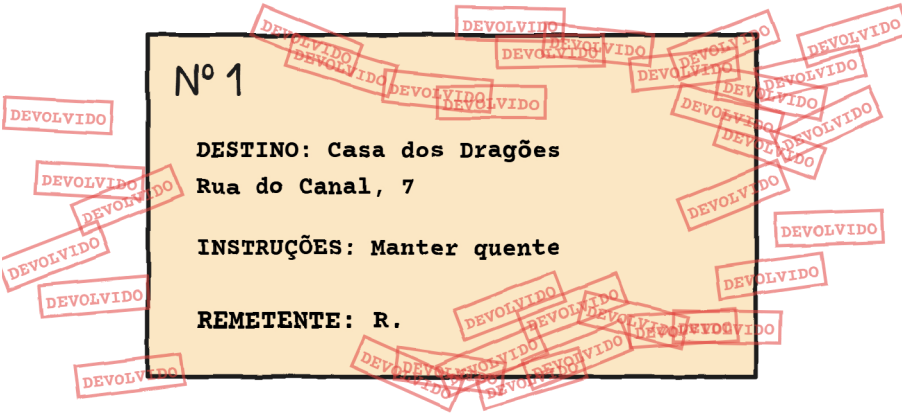
— Sim. No bairro antigo era entregador profissional.



Profissional de cachorro.

Uma mentira é como um pacote carimbado: sai voando muito digna, atravessa a rua sem tocar no chão e, em algum momento, volta. O que eu não sabia então era quando essa ia voltar, nem quem ia ler em voz alta.

Júlia não me pediu provas. Foi direto à estante e pegou o único pacote que restava: o número 1. O que não dá. As mãos dela tremiam um pouco, mas não de medo, ou não só de medo: era o tremor de quando você passa muitos jogos no banco de reservas e finalmente o técnico chama o seu nome. As minhas também tremiam, mas eu disfarçava melhor: só dava para notar porque eu tinha vestido o suéter ao contrário.



Contei os carimbos de DEVOLVIDO. Trinta e sete. A etiqueta era mais carimbo que etiqueta.

Embaixo de todo aquele vermelho, caso alguém se interessasse, estava escrito:

- DESTINO: Casa dos Dragões, Rua do Canal, 7.
- INSTRUÇÕES: Manter quente.
- REMETENTE: R.

— Se entregarmos antes do amanhecer — raciocinou Júlia —, Mara vai finalmente ver que eu sei entregar devolvidos.

— E se não der?

— Senão, ele volta sozinho e aqui não aconteceu nada.

Achei um plano impecável. Tinha as duas coisas que um plano deve ter: um prêmio se der certo e nenhuma consequência se der errado. Ainda não sabia o que tinha dentro.



Alguém tocou a campainha de uma bicicleta. Duas vezes, como quem bate numa porta que não é sua. Do outro lado da vitrine apareceu um menino de capacete e com uma mochila amarela que dava para ler de dentro: ENVIOS RAIO. EM DEZ MINUTOS OU DE GRAÇA.

— Entregas Impossíveis? — debochou ele, com o tom de quem já fez a mesma piada em outros sábados. — Impossível é vocês entregarem alguma coisa.

Toninho. Entrega rapidíssimo coisas chatíssimas.

— Pois hoje vamos entregar isso — retrucou Júlia, e levantou o pacote.

Toninho leu "Casa dos Dragões" e riu tanto que o capacete caiu. Rolou até a porta. Pegou o capacete sem parar de rir, e quando se levantou não estava mais rindo.

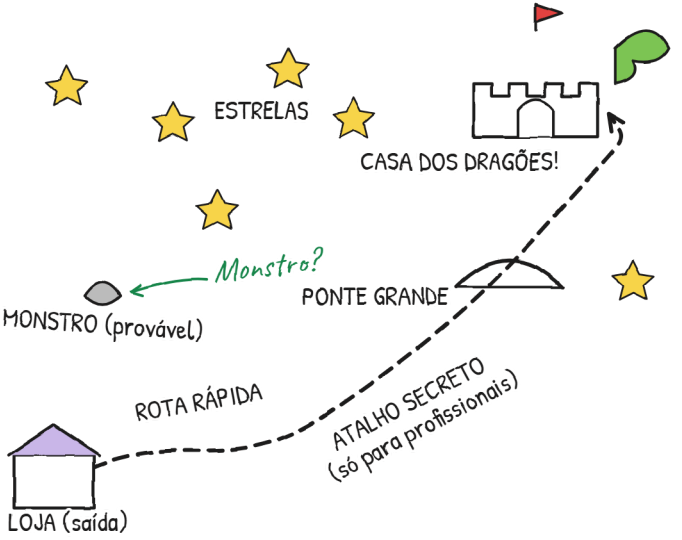
— Na Rua do Canal não existe número 7 — disse. — Vai do 5 ao 9. Eu sei porque procurei.

— E por que você procurou? — perguntou Júlia.

Toninho pôs o capacete. Tocou a campainha de novo, sem motivo, e foi embora pedalando bem rápido, que é o que o Toninho faz com as perguntas que não quer responder. Fiquei com duas informações: que ele tinha procurado o 7, e que a RAIO não era rápida para tudo.



Fiz um mapa de entrega. Os entregadores profissionais fazem mapas, e eu, tecnicamente, tinha dito que era um deles.



As estrelas não ficam no caminho.

O mapa tinha uma ROTA RÁPIDA, um ATALHO SECRETO (só para profissionais), a PONTE GRANDE, um MONSTRO (provável) e seis estrelas. As estrelas não tinham nenhuma função. Eu só achava que um mapa sem estrelas não é um mapa sério.

O monstro também não fica no caminho. Eu conferi. –J.

Pelo caminho de verdade, que não tinha estrelas, atravessamos a Ponte Grande. De dia ela fica baixada e todo mundo atravessa: bicicletas, senhoras com carrinho, um homem com um pato. Júlia atravessou pelo centro exato, falando comigo bem depressa sobre o carimbo e a tinta, sem olhar para a água nem uma vez. Pensei que fosse porque ela já tinha visto aquilo muitas vezes. Do bolso da jardineira aparecia uma ampulheta que ela tinha levado do balcão. Não serve para saber quanto falta para o amanhecer; só para ver a areia cair e deixar a gente nervoso. Percebi que ela era o tipo de pessoa que leva uma ampulheta para uma entrega. Gostei. Eu tinha levado um pijama.

A Rua do Canal, 7, não era uma casa. Era uma parede.

Toninho tinha razão: do 5 a gente passava direto para o 9, e entre os dois tinha uma parede lisa e clara, sem portas nem janelas, sem campainha. A única coisa que ela tinha, bem embaixo, quase rente ao chão, na altura certa de algo bem pequeno, era uma placa de latão com um buraco em forma de pata. Quatro buracos pequenos em cima e um grande embaixo, como se alguém tivesse apoiado alguma coisa ali muito tempo atrás e a parede tivesse ficado com a forma.

— Vai ver é uma caixa de correio — sugeri.

O pacote não cabia. Nem de lado. Nem pelo canto.

Tentamos tudo o que se tenta com uma parede:

1. Bater com os nós dos dedos. (Nada.)
2. Chamar gritando. (Nada, só que mais alto.)
3. Olhar por cima. Subi nos ombros da Júlia, que é mais forte do que parece, e espiei por cima. Do outro lado tinha OUTRA parede.
4. Desistir. Foi o que a gente fez melhor.

Uma senhora que regava gerânios nos olhava da varanda dela, com o regador parado no ar, como quem já viu esse filme.

— Esse pacote vem aqui há anos — comentou. — Sempre vai embora do jeito que veio.

Disse sem maldade, como quem dá a previsão do tempo. Depois voltou a regar. Naquele bairro, entendi, um pacote que não dava para entregar era mais um fenômeno meteorológico.



Fazia frio. Um frio de outono recém-chegado, daqueles que entram pela manga. Júlia leu a etiqueta de novo, em voz baixa, como se ela pudesse ter mudado desde a última vez.

— "Manter quente" — disse ela. — E ele passou anos numa estante gelada.

Eu sou novo. Quando está escrito “manter quente”, eu mantenho quente. Nós, os novos, lemos as instruções ao pé da letra: é a única coisa que temos, porque ainda não sabemos quais instruções dá para ignorar. Os outros estão num lugar há tanto tempo que não leem mais; já sabem. E às vezes o que eles sabem está errado.

Enfiei o pacote debaixo do suéter, atravessamos de novo a Ponte Grande e sentei na grade da padaria da Elisa, por onde sai o ar quente do forno. A grade fica rente ao chão, colada na parede, e dela sobe um ar morno que cheira a casca de pão. Fiquei ali, com as costas retas e o pacote contra a barriga, com toda a dignidade que dá para ter sentado no chão, de pijama, com uma caixa debaixo da roupa. Júlia virou a ampulheta e ficou de pé, vigiando, sem dizer nada.

Você parece uma caixa de correio grávida.

Sem dizer nada em voz alta, quero dizer.

Ficamos assim um bom tempo. Cheirava a pão. Eu estava começando a suar. Para não pensar no suor, a gente conversou; ou melhor, eu falei, e Júlia respondeu só o necessário.

— Por que você se importa tanto em entregar esse? — perguntei. — Tem mais dezenove.

Ela virou a ampulheta antes de a areia acabar.

— Porque contar não é o mesmo que entregar — disse ela. — Faz muitos sábados que eu só fico contando.

Depois ela me perguntou como era o bairro antigo, e quase contei a verdade: que eu não lembrava de ter feito nada lá, só de ter tudo já pronto. Que eu era como o sapo de borracha: ainda sem um lugar próprio. Abri a boca para dizer e saiu outra coisa, algo com uma moto e medalhas. Ela assentiu sem me olhar. Achei que ela não acreditava mais em mim. Para ela tanto fazia. E isso foi a melhor coisa de toda a manhã.

Então alguma coisa deu uma batidinha na minha barriga. TOC.

— Isso foi a sua barriga? — perguntou Júlia.

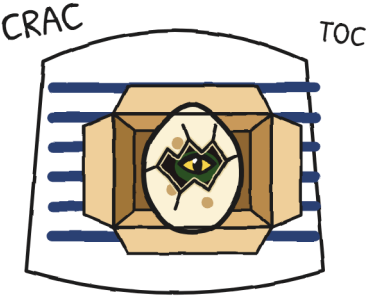
— Minha barriga não faz TOC.

TOC. TOC.

Afastei o suéter. Debaixo da tampa do pacote tinha uma coisa redonda e pálida, cheia de manchas, que não era uma caixa de sapatos nem nada que se venda em caixas. Tinha uma rachadura que crescia enquanto eu olhava.

CRAC.

E o pacote me olhou.



Um olho amarelo, bem aberto, no meio da rachadura. Não olhava para a Júlia, que era quem entendia de pacotes. Não olhava para a padaria, nem para a ampulheta, nem para o céu por onde tudo volta ao amanhecer. Olhava para mim. E, pela primeira vez em quatro dias, naquele bairro de casas com ponto de interrogação, alguém parecia completamente seguro de quem eu era.

Ninguém tinha me avisado que tem entregas em que o pacote escolhe você.

Li duas vezes. Eu sou novo: eu leio tudo. E em lugar nenhum estava escrito que não dava para esperar o trovão sentado num banquinho azul.

E lá fora começava a chover.

Vi a previsão do tempo. Vem tempestade por aí. –J.